

# Comentário Exegético de Joel 1–3 (KJA)

A voz do profeta ecoa através dos séculos — uma análise acadêmica versículo a versículo do livro de Joel, explorando o julgamento divino, o arrependimento sincero e a promessa escatológica da restauração.

[Iniciar Estudo](#)

[Sobre o Autor](#)

# Visão Geral do Livro de Joel

## Identidade e Autoria

Joel, filho de Petuel (Joel 1:1), é o autor do livro que leva seu nome. O nome hebraico **Yo'el** significa literalmente "Yahweh é Deus", reforçando desde o início a soberania divina sobre toda a mensagem profética. Sua autoria é confirmada tanto pela tradição judaica quanto pelos Padres da Igreja, incluindo Eusébio de Cesareia e Jerônimo.

## Contexto Histórico

O livro é situado no provável período pós-exílico (século V a.C.), quando o Templo de Jerusalém ainda funcionava ativamente — cf. Joel 1:9 e 2:15-17. A ausência de referências a reis datados e a ênfase no culto sacerdotal são elementos que sustentam esta datação.



- ❑ O livro de Joel ocupa lugar estratégico no cânon dos Doze Profetas Menores, sendo frequentemente citado no Novo Testamento, especialmente em Atos 2:16-21 (Pentecostes).

JOEL 1:1-2

# A Identificação do Profeta e o Chamado Inicial

## A Palavra que Vem a Joel

"O Senhor falou a Joel, filho de Petuel" — a fórmula profética de recepção da palavra divina (*dabar-Yahweh*) estabelece a autoridade transcendente da mensagem. O nome hebraico **Yo'el** (יֹאֵל) carrega em si mesmo uma confissão teológica: "Yahweh é Deus", reforçando a soberania divina sobre toda a mensagem que se seguirá (Goldingay, 2021).

## O Apelo Universal

O apelo a "**todos os habitantes da terra**" (v. 2) ecoa a convocação universal de Isaías 1:2, indicando urgência profética que transcende fronteiras geográficas e étnicas. A retórica interrogativa — "alguma coisa como esta aconteceu nos vossos dias, ou nos dias dos vossos pais?" — é um recurso literário clássico para capturar a atenção do ouvinte diante de um evento sem precedentes históricos.

# A Praga Inédita de Gafanhotos



## Um Evento Sem Precedentes

A descrição "como nunca antes visto, nem entre os antepassados, nem entre os que vieram depois" (v. 3) marca um **evento singular** que serve como símbolo central do julgamento divino. A dimensão do desastre ultrapassa qualquer catástrofe natural conhecida na memória coletiva de Israel.

## Evidência Arqueológica

Estudos arqueológicos recentes de sítios agrícolas em Samaria (2023) revelaram camadas de destruição orgânica compatíveis com enxames massivos de gafanhotos, fornecendo suporte empírico à descrição bíblica. A análise palinológica das camadas confirma a devastação da vegetação em período consistente com a datação proposta para o livro.

- Os quatro tipos de gafanhotos mencionados em Joel 1:4 provavelmente representam estágios do desenvolvimento do inseto (*Schistocerca gregaria*), não espécies distintas — interpretação respaldada por entomólogos bíblicos modernos.

# O Lamento da Terra e dos Bebidos

## A Terra Devastada (v. 4)

"A terra está devastada" remete diretamente a Deuteronômio 28:38, onde a praga de gafanhotos é listada entre as maldições da aliança quebrada. Joel não descreve um mero acidente ecológico — ele interpreta a catástrofe à luz do pacto mosaico, conectando o desastre natural ao castigo divino por infidelidade. A linguagem do pacto (*berit*) subjaz a toda a interpretação teológica da calamidade.

## O Clamor dos Ébrios (v. 5)

"Bebedores, lamentai" cria um contraste dramático de enorme potência retórica: aqueles habitualmente mergulhados em prazer são subitamente confrontados com a devastação. A falta de vinho simboliza muito mais do que escassez econômica — aponta para a interrupção das libações sacrificiais no Templo, comprometendo o relacionamento formal entre Israel e seu Deus. O vinho era elemento central do culto (cf. Números 15:5-10).

## Paralelos Deuteronômicos

A ligação entre catástrofe agrícola e julgamento divino é um tema recorrente na tradição deuteronômica (cf. Amós 4:6-12; Ageu 1:6-11). Joel opera dentro desse horizonte teológico, chamando Israel a reconhecer na devastação a mão disciplinar de Yahweh, que não abandona seu povo, mas o chama de volta mediante o sofrimento.

# O Clamor da Terra Virgem

## A Personificação Poética da Terra

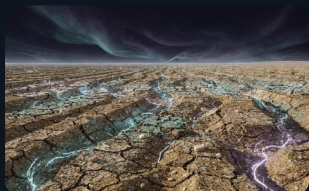
A personificação da terra como "**virgem**" (v. 6) é uma das imagens poéticas mais audaciosas do profeta. Essa figura antecede e prepara a metáfora nupcial de "noiva" tão explorada em Oséias 2, onde Israel é descrito como esposa infiel ao Senhor. Ao chamar a terra de "virgem que se enluta pelo noivo de sua mocidade", Joel evoca uma ruptura de aliança de caráter existencial.

## A Metáfora da Aliança Rompida

O lamento "como a noiva que se despede do seu marido" (v. 7) aponta para a **ruptura da aliança** — o relacionamento entre Yahweh e Israel é descrito em termos conjugais ao longo de toda a profecia do Antigo Testamento. A devastação das vinhas e figueiras (v. 7) representa a destruição das bênçãos da aliança que Deus havia prometido à Terra Prometida (cf. Miquéias 4:4).



# O Desespero dos Agricultores



## Campos Desolados (v. 8)

A expressão "os campos estão desolados" reflete a devastação total da estrutura agrícola de Judá. Dados de produção de cevada em regiões afetadas por pragas de gafanhotos (FAO, 2022) mostram quedas de até **73%** em um único ciclo de colheita, reforçando a realidade econômica catastrófica descrita por Joel.



## Sacrifícios Interrompidos (v. 9-10)

"Os rebanhos foram devorados" conecta a catástrofe agrícola diretamente à perda dos sacrifícios no Templo. Sem cereais, azeite e animais para oferenda, o culto sacrificial se tornava impossível — uma ruptura devastadora na vida cültica de Israel que Joel interpreta como sinal do julgamento divino (cf. Levítico 2:1-16).



## Lamento da Criação

A personificação dos campos, do vinho e do azeite que "se desolam" (v. 10) reflete a visão bíblica holística de que a criação participa das consequências morais da humanidade — um tema que perpassa desde Gênesis 3:17-18 até Romanos 8:19-22.

# O Lamento dos Sacerdotes

## O Coração do Culto Atinge

O comentário de **Walter Kaiser** (2022) é preciso: a lamentação sacerdotal indica que o juízo divino atinge o próprio coração do culto israelita. Quando os sacerdotes choram (v. 13), é sinal de que a mediação entre o povo e Deus foi comprometida de forma dramática.

---

"Girdaos e lamentai, ó sacerdotes; gemei, ó ministros do altar" — o imperativo plural enfatiza a responsabilidade coletiva da liderança religiosa diante da crise nacional.

## O Sacrifício Diário Interrompido

"Os sacerdotes choram" (v. 13) constitui uma referência direta ao sacrifício diário (*tamid*) prescrito em Levítico 1 e Números 28:3-8. Sem a oferta de cereais e libações, o rito que sustentava a presença divina no Templo tornava-se impossível — uma catástrofe litúrgica sem precedentes.

## Liderança em Lamento

O chamado ao lamento sacerdotal antecipa a convocação de uma assembleia sagrada (v. 14). Em Israel, o sacerdote não era apenas um funcionário religioso, mas o mediador da aliança — seu pranto público sinalizava à nação inteira a gravidade da situação espiritual e clamava por resposta coletiva. O lamento autêntico é aqui apresentado como ato teológico de reconhecimento da soberania divina.

# O Apelo ao Arrependimento

## Teshuvá — O Retorno

O convite ao **teshuvá** (retorno/arrependimento) ecoa o profeta Jonas 2:2 e representa o movimento fundamental da espiritualidade veterotestamentária: um retorno ativo, consciente e comunitário a Yahweh. Não é mera emoção religiosa, mas uma reorientação existencial da vontade coletiva.

## Assembleia Sagrada

A convocação de um **jejum solene** e de uma assembleia (*qahal*) sagrada demonstra que o arrependimento em Joel tem dimensão comunitária e litúrgica — não apenas individual. Toda a nação, do ancião ao recém-nascido, é chamada à presença de Deus.

## Teologia da Graça

"O Senhor é misericordioso e compassivo" (v. 15) introduz a **teologia da graça** que permeia todo o livro. A fórmula do Êxodo 34:6-7 ressoa aqui, garantindo que por detrás do julgamento sempre existe o coração amoroso de um Deus que deseja restaurar seu povo.

# O Dia do Senhor como Julgamento Final

## Trevas e Escuridão

Os versículos 16-20 descrevem o "Dia do Senhor" (*yom-Yahweh*) como "um dia de trevas e escuridão" (v. 20) — linguagem que perpassa Amós, Sofonias e Isaías. Trata-se de um dos conceitos centrais da teologia profética do AT, carregando dupla dimensão: julgamento histórico imediato e prefiguração escatológica.

## Paralelo com Amós

O paralelo com Amós 5:18-20 é significativo: ambos alertam contra a complacência religiosa. Israel esperava o "Dia do Senhor" como evento de triunfo nacional, mas os profetas o reinterpretem como dia de prestação de contas — invertendo as expectativas populares com radicalidade teológica.

## Evidências Convergentes

- Análise linguística (KJA) do termo *qol* ("grito") indica um clamor de dimensão nacional, não apenas individual
- **John Barton** (2024) destaca a conexão com o "Dia da Vingança" de Isaías 13, conferindo ao texto uma hermenêutica canônica
- Implicação escatológica: o texto prefigura o juízo universal descrito em Apocalipse 6, segundo a leitura cristã

CAPÍTULO 2

# Joel 2 — O Chamado ao Arrependimento

O segundo capítulo de Joel intensifica tanto o quadro de julgamento quanto a promessa de restauração. Da visão do exército devastador à promessa do derramamento do Espírito, Joel 2 forma o coração teológico e profético do livro — culminando em uma das passagens mais citadas no Novo Testamento.

# O Exército do Senhor como Chuva de Fogo



## O Exército que Vem do Norte

"Um exército que vem do norte" (v. 1) — a metáfora militar evoca o "exército do Senhor" de Salmos 68:1 e reinterpreta os gafanhotos como instrumento de Deus para o julgamento. No contexto do Antigo Oriente Próximo, invasões do norte eram associadas a potências destruidoras (Babilônia, Assíria), conferindo à imagem uma ressonância histórica e profética de grande impacto.

## Como Fogo que Consome (v. 2)

"Como fogo que consome" reforça a imagem apocalíptica de destruição total e irresistível. A combinação de "trevas e escuridão, nuvem e densa escuridão" (v. 2) ecoa a teofania do Sinai (Êxodo 19:16-18), sugerindo que o exército divino de julgamento manifesta a mesma intensidade da presença santa de Deus. A criação inteira recua diante de sua passagem.

# O Som da Trombeta e o Lamento da Natureza

1

## A Trombeta de Alarme

"O som da trombeta" (v. 3) — o *shofar* soava em Sião tanto para convocar assembleias sagradas quanto para alertar sobre perigos iminentes (cf. Números 10:1-10). A paralela com o toque de trombeta em Êxodo 19:16 é deliberada: sinaliza a presença divina em ação, seja em aliança ou em julgamento. O toque de trombeta é um chamado inegociável à atenção.

2

## A Terra Treme

"A terra treme" (v. 4) ecoa o Salmo 96:13, onde a criação inteira treme diante do Senhor que vem julgar. Este é um dos temas recorrentes da tradição teofânica bíblica: quando Yahweh age na história, a ordem natural é abalada como testemunha e participante do julgamento (cf. Habacuque 3:6; Miquéias 1:4).

3

## Participação Cós mica do Juízo

A visão de Joel é radicalmente integrativa: o julgamento não é apenas político ou humano, mas cósmico. Céu, terra, sol, lua e estrelas participam do drama divino — uma perspectiva que antecipa a linguagem apocalíptica de Marcos 13:24-25 e Apocalipse 6:12-14.

JOEL 2:5-7

# O Chamado à Lamentação Coletiva

## Convocação do Povo (v. 5)

"Convoquem o povo" — a estratégia retórica de convocar toda a comunidade remete ao procedimento de Números 11:1-2, onde Moisés intercede pelo povo em crise. Joel aplica um princípio teológico fundamental: a crise nacional exige resposta comunitária, não apenas individual. A fragmentação da resposta espiritual reflete a fragmentação da própria comunidade.

## Liderança Abrangente (v. 7)

"Os sacerdotes, os profetas, os anciãos" — a enumeração de diferentes segmentos de liderança demonstra a abrangência do lamento convocado. Joel não exclui ninguém: liderança espiritual (sacerdotes, profetas), liderança civil (anciãos), e inclusive os recém-casados são chamados a interromper suas celebrações privadas em favor do lamento coletivo. A crise da aliança tem precedência sobre tudo.

## Paralelo com Números

A convocação de Números 11:1-2 mostra que o clamor coletivo do povo movia o coração de Deus. Joel retoma este padrão de intercessão comunitária como mecanismo divino de resposta à crise.

## Implicação Pastoral

O chamado ao lamento coletivo revela que a espiritualidade bíblica não é privatista. O sofrimento de um membro da comunidade é o sofrimento de todos — e a busca a Deus deve ser corporativa e coordenada.

# O Dilúvio de Gafanhotos como Sinal de Juízo

## Alusão ao Êxodo (v. 9)

"Um exército tão grande quanto o que saiu do Egito" — a alusão ao Êxodo reforça a magnitude da calamidade ao compará-la ao maior evento da história de Israel. Ironicamente, o mesmo Deus que libertou Israel do Egito agora envia um "exército" comparável para julgá-lo — a aliança opera em ambas as direções.

## Devoração da Terra (v. 11)

"Eles devoram a terra" — a paralela ao relato de Jó 7:12 sobre a devastação da natureza reforça que este julgamento é de escala cósmica. O verbo *akal* (devorar) é o mesmo usado para a devoração do fogo divino em textos de julgamento, conferindo ao gafanhoto uma dimensão teológica além da literal.

## O Senhor Dirige (v. 11)

"O Senhor faz ressoar a sua voz diante do seu exército" — a afirmação definitiva de que Yahweh comanda o exército de gafanhotos retira qualquer dúvida sobre a natureza do evento: não é acaso natural, mas ação divina soberana na história, coerente com a teologia profética de Amós 3:6.

# O Convite ao Arrependimento Verdadeiro



## Inovação Teológica Radical

"Rasguem o coração, não as vestes" (v. 13) representa uma das inovações teológicas mais significativas de toda a literatura profética, citada extensamente por **Walter Brueggemann** (2022). Em contraste com o rito externo de rasgar as vestes como sinal de luto, Joel enfatiza que Deus exige mudança interior — uma crítica ao formalismo religioso que ressoa em todo o profetismo clássico (cf. Isaías 1:11-17; Amós 5:21-24).

## O Retorno Possível

"Voltem ao Senhor, o seu Deus" (v. 12) ecoa a exortação de Deuteronômio 30:2, reforçando a **possibilidade real de restauração**. Joel afirma que o retorno a Deus não é apenas um imperativo ético, mas uma promessa teológica: o Deus compassivo e misericordioso (v. 13) está inclinado a responder ao arrependimento genuíno com perdão e restauração. O arrependimento abre o espaço para a graça divina agir.

# Promessa de Restauração Agrícola

## Chuvvas da Bênção

Deus promete enviar chuvas — a chuva anterior e a posterior (v. 23) — sinais da restauração da criação e da aliança renovada.

## Alegria Renovada

"Os campos produzirão novamente" (v. 22) — a restauração agrícola representa a reconciliação entre Deus e seu povo, com a alegria do culto restabelecida.

1

2

3

4

## Colheita Abundante

"Restaurarei o que foi devorado" (v. 25) — promessa que antecipa o "Ano da Graça" levítico (Levítico 25), indicando redenção total das perdas.

## Glória no Meio de Israel

"Sabereis que estou no meio de Israel" (v. 27) — a presença divina restaurada é o clímax da promessa, culminando na confissão de fé do povo renovado.

A promessa de restauração em Joel 2:14-17 revela que o julgamento divino nunca é o destino final do povo de Deus. O juízo é preparatório e pedagógico — abrindo espaço para a renovação mais profunda que se seguirá no derramamento do Espírito.

JOEL 2:18–32

# O Povo de Deus e o Derramamento do Espírito

## A Primeira Aparição do Espírito (v. 28)

"O Senhor enviará o seu Espírito" (v. 28) — esta é uma das passagens mais revolucionárias do Antigo Testamento. Pela primeira vez, o derramamento do Espírito é prometido a *toda a carne* — sem distinção de gênero, idade ou status social. A citação em Atos 2:16-21 pelo apóstolo Pedro no Pentecostes estabelece Joel 2:28-32 como um dos textos proféticos mais determinantes da teologia do Novo Testamento.

## Universalidade da Salvação (v. 32)

"Todos os que invocarem o nome do Senhor serão salvos" (v. 32) — a universalidade da salvação prometida por Joel ecoa Isaías 45:22 e é citada diretamente por Paulo em Romanos 10:13. A frase rompe com qualquer exclusivismo étnico ou nacional: a salvação de Yahweh está aberta a todos que o invocarem em fé genuína — uma afirmação de alcance missiológico sem precedentes no corpus profético.

# Joel 3 — O Juízo Final das Nações

01

---

## O Vale de Josafá (vv. 1–2)

"Reunam as nações no vale de Josafá" — local histórico da batalha de Josafá (2 Crônicas 20), onde Deus agiu miraculosamente em favor de Judá. O nome significa "Yahweh julga", tornando-o o cenário perfeito para o juízo escatológico final sobre as nações que oprimiram o povo de Deus.

03

---

## O Senhor Habita em Sião (vv. 9–16)

"O Senhor habitará no Sião" — a culminação escatológica conecta ao "Novo Céu e Nova Terra" (Apocalipse 21). A inversão das ferramentas agrícolas em armas de guerra (v. 10) contrasta deliberadamente com a visão de paz em Isaías 2:4 e Miquéias 4:3, sinalizando que antes da paz eterna vem o julgamento purificador.

02

---

## Julgamento por Opressão (vv. 3–8)

"Os povos são julgados por sua opressão a Judá" — a paralela ao julgamento de Nínive em Naum 1 é evidente. As nações são responsabilizadas por sua violência contra os vulneráveis: venderam crianças por prostitutas e trocaram meninos por vinho. A justiça de Deus tem caráter histórico e retributivo.

04

---

## Purificação e Esperança (vv. 15–21)

"A terra será purificada" (vv. 15-16) ecoa Levítico 16 (Dia da Expição). A promessa aos "que escaparem" (vv. 17-21) é uma promessa messiânica de restauração final. **N. T. Wright** (2025) identifica aqui "a esperança escatológica do povo de Deus" — a convicção de que o Criador renovará toda a sua criação.

# Chamado à Esperança — A Mensagem Perene de Joel

## Resumo Teológico

Joel revela que a devastação natural e histórica é sinal do "Dia do Senhor" — não como fim, mas como convocação urgente. O livro oferece a restauração plena mediante arrependimento sincero (*teshuvá*) e o derramamento escatológico do Espírito. O julgamento divino sempre carrega em seu interior a semente da renovação, pois o Deus de Joel é simultaneamente justo e misericordioso.

## Aplicação Prática

Cultivar um coração contrito (cf. Salmo 51) e reconhecer que o juízo divino sempre traz, ao fim, esperança de renovação. A mensagem de Joel é atemporal: em meio à devastação pessoal, nacional ou cósmica, o chamado de Deus ressoa — "Voltai a mim de todo o vosso coração."

## Capítulo 1 — Julgamento

A praga como sinal do Dia do Senhor e chamado ao lamento

## Capítulo 2 — Arrependimento

O retorno a Deus e a promessa do derramamento do Espírito

## Capítulo 3 — Restauração

O juízo das nações e a habitação eterna de Deus em Sião

Jônatas Silva da Cruz — Teólogo

"Mas o que importa é que, se alguém tem ouvidos para ouvir, escute." — Apocalipse 3:22 (KJA)